



X Festival Literário Notre Dame
Poesia: um sonho possível

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2016.

Apresentação

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"

Fernando Pessoa

Deus quis que a humanidade fosse uma. Que a arte unisse, já não separasse. Incapaz de unir o Homem ao seu maior inimigo, o Homem, a arte fez de nós a união de tudo aquilo que somos: da alegria e tristeza; do amor e ódio, todos os opostos que são indispensáveis para a composição dessa raça tão peculiar entre tantas que é a humana, pois "Quando tenho Arlequim, quero Pierrot tristonho, pois um dá-me o prazer, e outro dá-me o sonho!". A arte é o reflexo daquilo que o ser humano é capaz de conceder como belo, e do que ele sente ao ter tal beleza distante de si. "É a marca da costura numa pele que já foi rasgada. É o inacabado, com vazios, buracos, ranhuras e acasos".

O Festival Literário Notre Dame convida os alunos do colégio e o público, hoje, a romper com o real e viver aqui este sonho impossível, tão arduamente construído pelos alunos, ex-alunos, professores, coordenadores e técnicos da casa; com o cenário e figurino ecologicamente sustentáveis, manufaturados com sucata reciclada e reutilizada, roupas e objetos emprestados, etc.

Hoje homenageamos os 400 anos da morte do lendário escritor castelhano, Miguel de Cervantes, autor da obra renascentista que mudou os rumos da Literatura Universal, *Dom Quixote de la Mancha*. O espetáculo há de dizer o suficiente, mas aqui deixamos afirmado o tamanho da responsabilidade que carregamos, pois já disse Amadis de Gaula ao engenhoso fidalgo Dom Quixote: "Terás claro renome de valente; tua pátria será dentre todas a primeira; teu sábio autor, ao mundo único e só. "

A equipe do X FLIND gostaria de agradecer a todos aqueles que deram seu suor para tornar este espetáculo possível. Muito obrigado a todos os atores, músicos, produtores e poetas do 9º ano e do Ensino Médio que foram "o braço e o aço" da nossa equipe. Gratos a toda a equipe de apoio, aos setores da coordenação, administração e manutenção, e é claro, à Direção do Colégio Notre Dame Ipanema. E finalmente, os mais sinceros agradecimentos àquele que deu início a tudo isso, que tem orientado todos aqueles que passaram pelo Festival que temos hoje: muito obrigado ao professor Maurício Krause, que fez com que nós realizássemos hoje a obra com que sonhamos.

"Em qualquer terra em que os homens amem.

Em qualquer tempo onde os homens sonhem.

Na vida."

Menotti Del Picchia

Diretores do X FLIND

Dom Quixote e Sancho Pança

Em

Poesia: um sonho possível

Um espetáculo de Mauricio Krause & Rodrigo Penna
(baseado na obra de Menotti Del Picchia, *O amor de Dulcinea*)

Com:

Gabriel Matuk & Luca Severo
Gabriela Januário & Maria Clara Andrade
Catharina Michel, Iara Boeiras, Julia Segadas, Livia Oliveira, Pedro Riezemberg

Participação especial:

Betha Garcia & José D'Assumpção
Nathália Araújo

Músicos: Alexander Lennart, André Vaz, Emanuela Ferreira, Hernani do Nascimento, Julia Afonso, Gabriel Follador, Pedro Paulo Maranhão, Sara Roseback

Coreografias: Alex Neoral

Cenários, Figurinos e Adereços: Sérgio Matos & Nicole Quintella

Sonoplastia: Raphael Albuquerque

Direção Artística: Rodrigo Penna

Direção Musical: André Vaz & Gabriel Follador

Direção de Produção: Eduardo Vaccari, Luana Neves & Pedro Wainstok

Produtores Associados: Ana Clara Ferreira, Ana Julia Ventura, Anna Bárbara, Serejo, Bernardo Gregório, Camila Carvalho, Camila Mões, Clara Moreira, Diogo Cernigo, Esther Campos, Felipe Colen, Giulia Maria Gontijo, Guilherme Crescêncio, João Pedro Santos, Jonathan Dias, Julia Blei, Julia Lima, Lígia Kamel, Luiza Conteville, Luisa Cunha, Luisa Melo, Luisa Paranaguá, Manuela Machado, Maria Antônia, Rocha Maria, Carolina Duarte, Maria Isabel Thomé, Nicole Quintella, Pedro Cobalea, Pedro Perez, Thomás Malta, Vitória Blori

Direção Geral: Camille Dutra

Supervisão Geral: Mauricio Krause

Coordenadora Educacional: Kellen Santana

Coordenador Pedagógico: Luiz Eugênio Varajão Fernandess

Diretora: Irmã Loiva Urban

Ex-aluno sim. Notre Dame sempre!

Desde que comecei a lecionar no Colégio Notre Dame Ipanema, em fevereiro de 2011, ouvi a frase, ou melhor, o lema aí acima, diversas vezes, especialmente em cerimônias de formatura da 3ª série do Ensino Médio. Confesso que, de imediato, pensei ser uma daquelas manifestações que as próprias escolas produzem para homenagear seus alunos, ao final da jornada escolar.

O meu lidar com a organização do FLIND, a partir 2012, me fez desconfiar da ideia inicial; o X FLIND – Poesia: um sonho possível – fez-me abandonar completamente tal expectativa e percebê-la ao invés.

De fato, é por muito amor ao Notre Dame Ipanema que seus ex-alunos voltam à casa de educação onde passaram tantos anos de suas jovens vidas, para realizar coisas, para embelezar tudo o que aprenderam aqui.

Foi por amor a essa escola, que Gabriela Marques colocou-se generosamente à disposição da produção do Festival, compartilhando a sua experiência de grande e eficiente produtora que foi em 2014 e 2015...

Foi por amor ao colégio, que Raphael Albuquerque, Diretor Musical da edição de 2014, dedicou-se à sonorização do espetáculo que hoje acontece...

Este mesmo amor trouxe de volta ao palco do Notre Dame – lugar onde brilhou em 2012 e 2013 – Pedro Cunha, que aceitou desenvolver um personagem protagonista com pouquíssimo tempo de ensaio...

Só porque suas raízes aqui, neste estabelecimento de ensino, são muito profundas que pude contar com a genialidade e dedicação incansável de Arthur Guedes e de Leandro Fróes – Quixote e Sancho que disseram sim ao meu convite em dezembro de 2015 e ensaiaram esses papéis desde janeiro deste ano, com vontade, com entusiasmo, com tanto talento...

Foi também por imenso amor a este educandário, que pude contar com a inestimável parceria de Rodrigo Penna: coautor, Diretor Artístico das edições de 2015 e 2016, que, com olhar sempre atento e competente sobre todas as fases do processo, contagiou a todos nós e viabilizou um sonho possível.

E é com muito mais amor ainda, que eu agradeço a vocês todos, ex-alunos desta casa, em meu nome e em nome do Colégio Notre Dame Ipanema. Vocês são os frutos excelentes dos nossos esforços!

Mauricio Krause

POESIA VERDE E AMARELA

Luana Calmon

Independência ou morte?
Seria uma jogada de sorte,
Escolher a independência
E ver, bem de perto, a decadência.

Brasil, por que não mostra a tua cara?
E dá fim à corrupção que não para
Brasil, cadê a ordem? Cadê o progresso?
Estamos vivendo em um retrocesso.

Fomos cegos.
Ficamos imersos.
Colarinhos brancos assumiram a gerência,
E o país foi à falência.
A pátria amada são paraísos fiscais
E eles sobem no congresso com discursos teatrais.

Aboliram a escravidão,
Mas ainda somos escravos da politização
Luto!
Para a população
Que chora com o estado da nação,
Rasgaram nossa bandeira
E a queimaram na fogueira.

Delações premiadas...
Bravo!
Os corruptos entregando seus comparsas.
A notícia da roubalheira descarada
É pelo mundo espalhada.

Seus filhos tão gentis,
Cobrando os impostos
Que pagam suítes de hotéis luxuosos;
Cobrando educação
Que deveriam estar nas escolas que mal têm chão.

Direitos iguais!
Mas a lavagem de dinheiro vem de outros carnavais.
Ainda há uma esperança,
Pois, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que filhos teus não fogem à luta
E eles vão às ruas com maioria absoluta,
Contra um governo que está fora de conduta.
A hora é agora!
O Brasil se revigora!
A política da corrupção vai embora...
E finalmente lutamos por um sonho:
O sonho de uma pátria que seja sempre amada
E o desejo de uma terra que volte a ser adorada.

BARRACO NO FOGO-CRUZADO

Maria Clara Garcia

O menino na favela chora
Deitado no barraco;
A parede esburacada,
Pipocada, cheia de bala.

Bala que levou sua avó
E seu irmãozinho, levou sua família.
Bala perdida, perdida de quem?
Do traficante? Da polícia?

Bala de gente ruim,
De fuzil ruim,
De vida ruim.

Ele entra pro tráfico,
Fica lado a lado do fuzil
Que atirou a maldita bala,
Que levou sua avó, seu irmãozinho
Sua família.

A bala o fez assim,
Esburacou a parede do barraco, e com ela o seu futuro;

Esburacou sua comida, sua casa, sua educação, sua vida.
Já o fuzil virou seu dinheiro,
Alimento moradia e sustento.

Pipocou sua felicidade, seu sonho,
O brilho que tinha no olhar.
O brilho que agora passa pelos buracos de bala,
Os buracos na sua alma, e o brilho agora
É da vingança. Contra os traficantes e a PM,
Que fuzilaram juntos o menino que ele um dia foi.

Contra a parede do barraco, pipocada,
Cheia de bala.

TEU PRANTO
Adam Gill

Nasce a manhã, mas a alegria não vem.
Brilha o sol, mas em meu coração a escuridão perpetua.

Ao meu redor,
Tanta gente, tantos sorrisos,
Mas tais sorrisos não são os seus
E por isso tudo se torna vazio.

Ó bela menina, tua tristura escarneia meu corpo
E inutiliza minh'alma.
Ao ver teu pranto, minha vida,
Antes repleta de esperança,

Se aprofunda ao desalento.
Ó doce menina, que tanto me alegra,
Teu sorriso me encanta, tua voz espanta minha dor e pesar.

Clamo que não te entristeças
Pois tua tristeza a mim se compara ao decesso.

Quero vê-la brilhar, estrela do céu.
Brilha ao mundo e dá-nos o prazer de sorrir ao teu lado
Mais uma vez...

FOBIAS

Isabel Lessa

As grades
Que bloqueiam
a tua mente
Prendem tantos.

Prendem o negro
Como bandido,
Pobre e fudido;
Por correr,sofrer,

Tentar sobreviver.
Prendem os coloridos
Como pecadores
e mal feitores;
Por amar o amor,
Tentar viver sem dor.

Prendem a mulher
Como bela, recatada e do lar, ideal.
Fora disso, imoral?

Prendem os latinos
Como invasores e usurpadores.
Plantam barreiras físicas e mentais,
Com fronteiras presidenciais.

Prendem os fugitivos,
Deslocados e perdidos
Que não são você
E nem querem ser.

Questão de opinião
Ou ódio sem omissão,
Talvez só desinformação.

O LOUCO

Fábio Cataldo

Um dia o louco foi para a escola
Sua maluquice afetou todos na hora
Incompreendido ficou revoltado
Lá ele se sentiu mal tratado

Ele jura que tentou se adequar
Mas sempre soube que ali não era seu lugar.

Um dia o louco foi a um bar
Bebidas e risadas no tardar da noitada
Ele ficava sufocado com aquelas vozes
Sentia que quem ali estavam eram bestas ferozes
Bebeu alguns drinks e acabou por vomitar
Lá no fundo sempre soube que ali não era seu lugar.

Um dia o louco foi ao cinema
Escolheu um filme que tinha muita violência
Tentou interferir na história
Mas essa experiência só foi um trauma em sua memória
Foi expulso da sessão por ficar a gritar
Realmente ali não era seu lugar.

Um dia o louco foi a um banco
Pessoas arrumadas de terno e gravata
Elas pareciam ocupadas
Observou melhor e viu que só havia ladrões
Roubavam dos pobres para ficarem ricos
Comprar. Gastar. Acumular.
Ali também não era seu lugar.

Um dia o louco foi ao hospício
Chegou lá buscando paz de espírito
Buscava talvez a compreensão
Talvez buscasse irmãos
Médicos psiquiatras constataram que de louco ele não tinha nada
Os pacientes não paravam de o admirar
Ali era seu lugar, mas ele não podia ali ficar.

Esse homem um dia sentou no banquinho de uma praça
Escutou as nuvens no céu
E viu o sol chover raios de luz
Foi chamado de louco talvez
E por fim pensou:
"o que é loucura afinal?"
Respondeu ele mesmo:
"loucura é não aproveitar o banal".

O RIO ME ENSINOU

Gabriel Matuk

Eu não nasci no Rio,
Eu vim de longe.
Vim de onde era frio,
Lá de Belo Horizonte.

Se a cidade é caótica,
Então por mais que eu queira negar,
O Rio é e sempre será
Bem mais cidade que BH.

Na zona nobre de Copacabana
Se veem mendigos, trombadinhas,
E em cada esquina um ladrão de campana,
No escuro cheirando cocaína.

A felicidade, modesta e singela
Que vem do samba ou da família,
Também existe lá na favela,
Com os traficantes na vigília.

Eu não conhecia tanto contraste,
Em BH eu não via isso.
Mas ver fez com que eu me preocupasse
Com quem no fim cata todo o lixo.

Do presidente ao trabalhador,
Todos têm muita raça,
Por isso se criam o ódio e rancor
De quem rouba e nem disfarça.

Todo mundo tem culpa, é claro
De toda a corrupção.
É o "jeitinho brasileiro",
Que deixa todos com sangue na mão.

Eu vi meu pai trabalhar noites em claro,
E ler com tristeza as notícias.
O Brasil, pobre, mal explorado,
Perdendo riqueza todos os dias.

Eu cresci com a elite e vi meu amigos
Odiarem a terra que eu nem conhecia.
Mas depois de mergulhar nesse mar de perigos
Decidi que do Brasil nunca mais sairia.

O Brasil é romântico e aventureiro;
Assim como é todo brasileiro.
De um lado gente simples e satisfeita com isso,
Mas, do outro, engravatados que querem o mundo inteiro.

E mesmo que não dê dinheiro,
Ainda sim vou ser sempre feliz.

Vou rimar o dia inteiro
Sobre como amo esse país.

O SOLITÁRIO POETA **Joaquim Pedro Vilarino Angeli**

Eis a história
De um solitário poeta,
Que escrevia linhas tortas,
Pois não conhecia as retas.

O poeta era sozinho
E, por isso, pensava
Durante toda sua vida.
Ele imaginava
Sua alegria;
Irritava as pessoas,
Pois era feliz,
Mesmo sem ter uma vida boa.

Eles xingavam o poeta por tudo,
Mas ele não sabia
Porque ele era surdo.

Eles olhavam o poeta
Com ódio de seu ego,
Mas o poeta não via.
O poeta era cego

A única coisa que o pobre poeta
Sabia fazer
Sonhar — ser feliz;
Sonhar — escrever.

Sua mente sempre lúcida...
Sem ideal, bem maior...
Apesar de coisas mórbidas
Viverem ao seu redor.

E você se perguntando:
O poeta está entre a gente?
Talvez ele esteja.
Ele é a sua mente.

ESSA HIPOCRISIA DÁ HEMORRAGIA

Laura Ventura

Após o escape do ventre com dor,
O aborto fez amor com a terra.
Broto do corpo morto fez-se flor,
Enquanto a dona do feto berra.

Junto ao óbito de sistema nervoso,
A menina, a morte espera.
Foi encontrada sobre um piso aquoso,
Sem companhia ou sentinela.

Em plena brasa nordestina,
Já emanou cheiro de medo.
A mãe foi maria clandestina,
Mas fica entre nós, é segredo.

Por causa da falta de estrutura,
Essa maria foi atrás da liberdade.
No sertão, abortar era tortura;
A assassina mudou-se pra cidade.

A cidade não é o que se diz.
Em coro, foi dito à meretriz:
"Sua obrigação é ter!
Não farei nada por você!"

No tribunal, tem menos maria que Mário...
Há igualdade nesse sistema precário?
Ser homem tira a capacidade de julgar;
A dona do corpo decide se quer abortar.

Uma coisa que não me representa
É o código penal dos anos quarenta.
Se, por acaso, homem engravidasse,
Aborto seria fato, não um impasse.

AMOR AMIGO

Jennifer Azevedo Silva

São duas palavras parecidas;
Dependentes uma da outra,
Para se tornarem sinceros.

Amar um amigo é fácil.
Difícil é vê-lo amar outro.
Seja por pura vaidade
Ou medo de perder.

Amar um amigo é complicado,
Quando para um se vê mais amor
E para outro mais amigo.

Amar um amigo é muito bom.
Ainda mais se ele também o ama,

Porque é verdadeiro
E nunca perece.

Amar um amigo é
De tudo um pouco,
Que no final só gera bons frutos.

TEMPOS URBANOS

Hernani do Nascimento Marques

Voltam-se os ciclos:
Noites frias, densa intolerância;
Sem paz e pais, olhares isentos, vazios.
Sonhos infundáveis nesse novo tempo.
O amor se extingue
E o coração suplica a alma.

Energias falidas, reprimidas e cansadas.
Famílias partidas, intrigas e represálias.
Sucumbe a doença e se esvai a crença.
E o mundo não escuta — desespero de quem morre na luta.
A tecnologia avança, mas até onde vai a esperança?
Se a mudança é superficial, só muda a quantia do real.
E a mudança interior que do ser humano se deve a dor?

Nessa política de mentiras a democracia é inviável.
Há quem diga que nossos direitos não foram violados.
Mas para onde foi nosso dinheiro nos bancos?
Em prantos a sociedade se acua,
Descontando em mendigos na rua com, o mínimo de piedade.

A humildade, maior valor entre os homens,
A mais dita, mas nunca mais vista.

Horas em claro,
Solidão e a mente insana no ódio.
Aqui só restaram o ópio,
Insensatez e hipocrisia nesse mundo enfermo.
Céu para orar, redimir uns erros e o ego para confortar.
Combustível nosso é o capital, consumindo
E sumindo nessa infame rebeldia humana.

A ILHA DA MANCHA

Clara Passeri Rebolças de Oliveira

Eu vejo , ele não!
Eu escuto , ele não!
Eu sinto , ele não!
Eu corro , ele não!
Eu salto , ele não!
Eu defendo , ele não!
Eu brado , ele não !
Eu morro , ele também!

Mas de que vale morrer,
Fiel escudeiro,
Se não lutas por alguém?

Não adianta possuir toda e desastrosa ciência;
Ser rico ou lavrador
Se não detem o produto, o ardor
Que emerge à razão ou consciência .

Agir ao se apaixonar
É falta de responsabilidade.
Agir ao amar
É maturidade própria da idade.

Quando contemplamos a infância,
Estamos em tempos de aventuras,
Pois estabelecemos da sociedade à distância

Daqueles que caminham em massa,
E não são dotados da graça
De almejar as loucuras.

Loucuras de um triste escritor,
Que sabe que a tristeza é o sopro
Movedor do moinho poeta,
De sua felicidade e amor.
São sentimentos que coexistem
No espaço da Mancha
Que tem pelo lápis a espada,
Do guerreiro e da donzela
Que não desistem
De se conhecerem por inteiro.

O inteiro que pode ser meio,
Ou pode ser nada.
Mas por mais que seja utopia,
Proporciona a só alegria
Direcionadora do cavaleiro.

O pobre fidalgo e seu escudeiro
Avistam o horizonte,
A ilha do tesouro e da fantasia,

Entretanto o único que alcançará o outro plano,
Não é o lanceiro,
É aquele ao qual convém a ponte,
A fidelidade pela sua mais preciosa pérola,
A criatividade, a Bendita Dulcineia.

PARTO HOJE PARA O MAR

Luciano Veneu

Parto hoje para o mar.
Não fujo a responsabilidades.

Vou responder as minhas autoridades.
Hoje parto para Além-Mar.

Desfilemos, camaradas, às ruas e à plebe
Com cravos em nossos fuzis,
De Lisboa a Avis

Em Além- Mar, lutamos nos três teatros operacionais;
Pelos céus da Guiné se perdeu...

Por Angola e Moçambique a vida se deu.
Em nossas boinas negras a esperança nacional
Para liquidar esse período ditatorial.

Desfilemos, camaradas, às ruas e à tirania,
Pois o teu tempo terminou;
O sangue já jorrou
E a tua vida não recebe a pena minha.

Seu fascismo e ditadura findaram
Acabamos, Salazar, com o teu tempo.

Nos livros de História, tu ficarás ao relento
E que nesse 25 de abril
tu te sintas com medo e febril,
Pois meu povo jamais verá alguém tão vil.

E pela volta de Dom Sebastião!
O sangue de nossos mártires,
Daqueles que morrem por novos ares,
Não jorrará em vão.

Desfilemos, camaradas, às ruas e à liberdade
Com cravos em nossos fuzis
De Lisboa a Avis.

Estudantes criaram o logotipo do IX FLIND

Após o desafio de desenhar o novo logotipo do Festival Literário Notre Dame ter sido lançado aos estudantes do Ensino Médio, finalmente o resultado é conhecido.

Antecedida por uma palestra sobre criação de logotipos, na aula de Artes, a criatividade dos estudantes foi colocada sobre o papel, sob orientação da educadora Débora de Castro. Os logotipos desenvolvidos foram, então, expostos para que a comunidade educativa, por meio de votação, escolhesse os que melhor representariam o evento. A criação das estudantes **Izabela Costa Passos, Maria Antônia Rocha e Augusto Pandolfi**, foi uma das preferidas pelo público e a escolhida, pelo júri técnico, como o logotipo oficial da 10ª edição do Festival.

Após a adequação do logotipo, pela Assessoria de Comunicação da instituição de ensino, pode-se perceber que o grupo utilizou-se das teorias explanadas nas aulas. O resultado do concurso, muito além de uma marca *clean*, harmônica e com a cara do evento, foi o brilho nos olhos de estudantes que participaram de um processo de criação e de concepção de marca de uma forma, ao mesmo tempo, profissional e lúdica. O resultado foi, dessa forma, o incentivo ao talento. Por isso, processos como esse comprovam, na prática, a visão da Rede de Educação Notre Dame: compromisso com educação sem fronteiras, com profissionais qualificados e excelência pedagógica.

“Sancho, o supremo idealista, é o microcosmo eterno da humanidade, que se completa com o espírito objetivo do Cavaleiro da Triste Figura. Heróis comuns a todas as latitudes geográficas vivem seu instante nacional no território brasileiro da língua deste poema, porque são os dois polos universais do próprio homem, cidadãos de todas as pátrias, alegorias internacionais do egoísmo e da espiritualidade.” - **Paulo Menotti Del Picchia**



X Festival Literário Notre Dame
Poesia: um sonho possível

Agradecimentos

Um projeto pedagógico como o FLIND se constrói a partir de muitas colaborações, de muita solidariedade e, sobretudo, por muito apreço às causas educacionais. Bem aventurados são aqueles que têm muitos a agradecer e a Equipe do X FLIND os tem.

Juliana Nascimento, Mayara Neres, Sérgio Monteiro – professores-parceiros do Festival.

Luiz Eugênio Fernandes, Regina Fleiuss e Kellen Santana de Castro – asas e raízes do FLIND.

Débora de Castro – trabalho impecável com as logomarcas do Festival.

José Alessandro e a Comunicação – apoio sempre bem vindo.

Anderson e Douglas – do audiovisual.

Madalena e Eliete – da Mecanografia.

Roberta Garcia – misto de anjo e estrela.

Professores e Funcionários, em geral – apoio, incentivo e cooperação.

Sérgio Matos – artista maior dos cenários, figurinos e adereços.

Eduarda Clementino – figurinos criados e emprestados.

Raphael Sampaio – cenários do Barthodomeu.

Elsó Gomes – objetos de cena e boa vontade.

Alex Neoral – Diretor da Companhia Focus de Dança – gênio das coreografias.

Débora Finamore, José D'Assumpção, Marlene de Araújo, Rodrigo Viegas e Taiana Machado – amados jurados perpétuos do FLIND.

Breno Góes, Cláudia Toldo e Manuel de Castro – bem vindos ao nosso júri!

Irmãs do Colégio Notre Dame Ipanema – carinho e disponibilidade.

Irmã Loiva Urban – crença, confiança e condições.



Educação sem fronteiras!

Colégio Notre Dame Ipanema
www.ipanema.notredame.org.br
Rua Barão da Torre, 308 - Ipanema - Rio de Janeiro
Telefone: (21) 2227-9200

Apoio

